

Ribeiro, A. (2001). Por terras do Douro Sul – alguns aspectos da sua riqueza patrimonial. *Millenium*, 22

POR TERRAS DO DOURO SUL – ALGUNS ASPECTOS DA SUA RIQUEZA PATRIMONIAL

AGOSTINHO RIBEIRO *

* Director do Museu de Lamego

Nota prévia

Tecer considerações sobre o património cultural, seja de que local ou região for, é sempre uma tarefa ingrata a quem se propõe realizar tal objectivo: ingrata, porque sempre ficará muito por dizer, do pouco que sempre se diz; ingrata, porque a amplitude e vastidão do que podemos designar por património cultural fica sempre aquém do que realmente ele é; ingrata ainda pela difícil obtenção de um equilíbrio entre a mera descrição, algo fria e distante, e o tom laudatório, excessivamente emotivo, por parte de quem o pode produzir.

Reconheço dificuldades em me conter na mera descrição dessa realidade patrimonial e cultural, sobretudo em se tratando da região a que pertença. O sentido que devemos emprestar à própria noção de património deve ser percebido nas duas direcções - a de posse e a de pertença - significando assim a assunção de direitos, mas também de deveres, perante um conjunto de bens materiais e imateriais que se herdamos e que nos ajudam a melhor apreender o passado colectivo e com o qual ficamos para sempre obrigados a tudo fazer no sentido de o transmitir às gerações vindouras nas melhores condições possíveis.

Não sei, portanto, descrever o património cultural da minha terra de outra maneira que não seja esta - objectivo, tanto quanto possível, irremediavelmente panegírico, salpicado, aqui e ali, com algumas pinceladas mais poéticas, sem outra intenção que não seja a de suscitar o interesse de quem tiver lido este breve e desprezioso artigo a fazer uma visita às terras do Douro-Sul.

Breve caracterização da região

A Região do Douro-Sul abrange um território com uma área superior a 2.000 Km² que, como o próprio nome indica, se situa a sul do imponente rio Douro, marcando a zona de transição entre o centro e o norte interior de Portugal.

É constituída, do ponto de vista administrativo, pelos concelhos de Cinfães, Resende, Lamego, Tarouca, Armamar, Moimenta da Beira, Tabuaço, S. João da Pesqueira, Sernancelhe, Penedono e Meda e que

corresponde, grosso modo, a uma faixa de território delimitada a norte, pelo rio Douro, a sul, pelos maciços montanhosos do Montemuro e de Leomil, a este, pelo rio Paiva e a oeste, pelo rio Côa, ambos afluentes do Douro.

Corresponde, portanto, ao território mais setentrional do Distrito de Viseu.

Região de características vincadamente rurais, surpreende-nos pela grandiosa monumentalidade que possui, em curiosa e singular aliança entre a Natureza e o Homem, forjada em milenária relação, cujos testemunhos históricos ainda hoje podemos apreciar.

Bela, como poucas, cantada por poetas e sabiamente descrita por vultos literários de excepção, não faltam quem a ela se refira, ora pela luminosidade serpenteante do Douro, ora pela dureza agreste da serra, numa cumplicidade dualista, num antagonismo permanente, mas inseparável, que faz com que esta terra seja tão marcadamente diferente.

O Douro-Sul é uma terra de contrastes, e é nesta antinomia que reside, precisamente, a génese da sua identidade, o marco da sua singularidade, a força e o valor das suas gentes.

A cultura da vinha constitui a primordial base do sustento económico da região. O vinho generoso assume aqui o papel fundamental em torno do qual toda a actividade económica se desenvolve, sobretudo na zona norte (ribeirinha ao Douro), salpicada de quintas e casais produtores desta preciosa bebida. Não obstante, a produção de vinhos espumantes naturais e de vinhos de mesa de alta qualidade complementam a famosa oferta vinícola da região, como adiante se descreverá.

Mais a sul, entre os socalcos do Douro e os cumes das serranias, encontramos uma extensa área de produção horto-frutícola variada, que abastece os mercados nacionais, sobretudo os da cidade do Porto, constituindo também uma importante fonte de rendimento local.

Nas zonas mais elevadas, a produção de gado caprino e bovino e uma agricultura de subsistência, que teima em perdurar, retrata uma área geográfica e comunitária ainda muito apegada a sistemas e métodos tradicionais de produção, traduzindo relações sociais e formas de vida cujas raízes são antiquíssimas e se perdem no tempo.

Do ponto de vista histórico não é fácil descortinarmos o momento a partir do qual foi este território habitado. Do período paleolítico chegaram-nos as gravuras, recentemente descobertas, de Foz Côa, algumas delas datadas de 20.000 a.C., admitindo-se como provável que entre 4.000 e 3.000 anos a.C.,

no período neolítico, já a região seria povoada pelos povos genericamente designados de pré-celtas, que nos deixaram testemunhos da sua presença através dos megalitos e castros, espalhados um pouco por toda a região.

Da cidade de Lamego, sua capital natural e ponto nevrálgico na confluência dos caminhos que unem todo este território, muitas e diversas teses foram elaboradas, na tentativa de lhe descortinar as origens, chegando-se mesmo a recuar a sua fundação ao século II a.C., hipóteses que, no entanto, nunca se conseguiram provar. Certo é que "Lamaecus" era o nome de um possessor fundiário hispano-romano, instituído no séc. III, e a "vila" romanizada de Lamego ascende à categoria de "civitas" nos finais do séc. IV.

Entretanto, abundam por toda a região vestígios da presença de povos pré-históricos, como os dólmens de Nossa Senhora do Monte, Telhal, Pendão e Lapinha, no concelho de Penedono, o menhir de Longroiva, na Mêda, ou a orca de Beira Valente, em Moimenta da Beira, e que, entre muitos outros, atestam a presença da "civilização" megalítica.

Mas é sobretudo a partir do domínio suevo-visigótico que na região se podem encontrar magníficos testemunhos patrimoniais e monumentais, com justo destaque para a importante Igreja de S. Pedro de Balsemão (M. N.), seguramente uma das mais antigas da Península Ibérica [Séc. VII/VIII (?)]¹.

Do período da Reconquista Cristã e, posteriormente, das vicissitudes da formação de Portugal, ficaram-nos as edificações de carácter militar, como os Castelos de Lamego, Longroiva, Marialva, Numão e Penedono, verdadeiros símbolos de uma época medieval intensamente vivida.

Região de fortes tradições religiosas e culturais, possui um património edificado riquíssimo, a que não é estranho o facto de Lamego ter sido uma das primeiras dioceses da Península, documentada desde a 2ª metade do séc. VI (Concílio de Lugo - 569) e ter, por outro lado, desempenhado um papel relevante na fundação da nacionalidade portuguesa, tendo sido governada por D. Egas Moniz de Riba Douro, o celebrizado aio de D. Afonso Henriques, primeiro Rei de Portugal.

Na verdade, todo o Douro-Sul está salpicado de vetustas Igrejas, qual delas a mais singular, erigidas em épocas longínquas, e que emprestam à paisagem sul duriense, a par dos típicos vinhedos, uma característica peculiar que a diferencia de todas as outras regiões do País.

Região de vinhos por excelência, aqui se pode apreciar, não só o já referido vinho generoso do Douro (cuja fama remonta ao séc. XVI, então conhecidos por vinhos cheirantes)², mas também os famosos

espumantes naturais da Raposeira e da Murganheira e uma vasta gama de apaladados vinhos de mesa, capazes de satisfazer o gosto dos mais apurados e exigentes enófilos.

Uma paisagem encantadora

A paisagem sul duriense é marcada pela imponência avassaladora que o contraste entre a serra e o vale aqui permite usufruir em toda a sua plenitude.

De alguns pontos estratégicos situados nas serras, se pode apreciar, na sua máxima beleza expressiva, o rio Douro e as encostas que, ora suave, ora abruptamente, a ele vão dar.

O rio Douro é, assim, o ponto fulcral da beleza paisagística da região. Podemos apreciá-lo das elevações propícias, que se encontram um pouco por todos os cumes que o circundam, ou podemos optar por uma aproximação mais íntima com as suas águas e perdermo-nos na beleza estonteante das suas margens, aqui esmagadas pelas escarpas rochosas que sobem quase a pique até ao azul infinito, além espriadas em socalcos secularmente trabalhados pelo Homem que, dominando a Natureza adversa, consegue plantar vinhedos em inimagináveis e aparentemente inacessíveis lugares.

A paisagem do Douro possui aquela força estranha que resulta de um forte compromisso entre o ser e a terra, que mesmo quando domesticada, parece nunca perder a sua essência bravia e selvagem e que representa, afinal, o profundo respeito que o Homem aqui sempre manteve pela Natureza que o rodeia.

As extraordinárias panorâmicas que se desfrutam de alguns mirantes famosos da região, como os da Serra das Meadas, de S. Brás e dos Altos de Valdigem (Lamego); os de S. Domingos de Fontelo e Misarela (Armamar); da Gralheira (Cinfães); da Serra de Santa Helena (Taravela); do Fradinho (Tabuaço); de S. Salvador do Mundo (S. João da Pesqueira) ou da Serra da Morofa (Figueira de Castelo Rodrigo), para só citar os mais conhecidos, não podem ser traduzidas em palavras que consigam exprimir a grandiosidade e beleza das vistas que oferecem.

Na verdade, é difícil transmitir as reais sensações que se podem usufruir perante a indescritível beleza dos vinhedos no Outono, em policromias de castanhos, vermelhos e amarelos, em solene comunhão com os azuis brilhantes ou cinzentos ameaçadores de um céu que prenuncia os primeiros frios.

E que dizer do fantástico panorama das amendoeiras em flor, em imensidão de nuvens de intensa e imaculada brancura, que se pode disfrutar em terras da Mêda e de Vila Nova de Foz Côa, quando o Inverno ainda teima em durar?

No Douro, todas as estações do ano escondem particularidades de excepção, em grande parte devido ao microclima da região, que permite ousadias naturais praticamente impensáveis noutros locais.

Resende e Penajóia vestem-se de tonalidades rosáceas, nos prenúncios da Primavera, e é a explosão da natureza em festa com as cerejeiras em flor. A serra não lhes fica atrás e mal a Primavera desponta, logo brota a flor da giesta selvagem, engalanando os montes de um colorido tão vivo e apelativo, que nos apaixona e seduz.

Na meia encosta, os pomares floridos emprestam a sua variedade de cor ao enriquecimento deste autêntico mosaico policromático e não há parcela de terra que não contribua para esta vertigem das cores. Até as mais simples e humildes flores do campo parecem fazer questão de participar nesta euforia colectiva.

No Verão parece que a natureza adormece e abate-se sobre a região uma dolência apetecida, só quebrada pelo sussurrar dos riachos e das ribeiras que teimam em fazer passar fios de água cristalina, convidando ao lazer da sombra e à frescura das suas margens. Mais débil, mas nem por isso menos imponente, o rio Douro afirma-se agora como uma dádiva divina, quebrando o peso do calor e propiciando uma visão refrescante em recantos paradisíacos como os de Caldas de Aregos, em Resende, ou de Moledo, nas imediações do Peso da Régua.

O Douro é, assim, terra de muitas paisagens, consoante a estação do ano e o lugar que quisermos escolher. Cada uma com a sua particularidade muito própria, mas todas elas de uma beleza de excepção capaz de satisfazer as mais diversas apetências humanas e os múltiplos interesses e gostos pessoais.

Esta paisagem surpreende pela diversidade e toca-nos pela sua intensidade. Cada curva da estrada é capaz de nos revelar novos matizes, espaços diversos, casarios singulares. A mesma paisagem, vista de ângulos e perspectivas diferentes, convida-nos à permanente admiração pela obra conjunta da Natureza e do Homem, consoante vislumbramos os montes do rio ou observamos os vales dos cumes das serranias.

A paisagem do Douro dificilmente nos deixa indiferentes.

O património arquitectónico e artístico

Enquadrado por esta paisagem que varia das altas serranias, estranhamente belas na sua aspereza e isolamento agreste, até às encostas do rio Douro, talhadas em socacos pela mão do Homem e chão

privilegiado de onde brotam os vinhedos, este território merece uma sugestiva viagem de lazer, navegando nas águas do rio Douro e descobrindo o património monumental e artístico que ele encerra.

Um dos aspectos que melhor identificam e caracterizam esta Região é o facto de possuir um rico e vasto património construído, bem patente no número de imóveis classificados como Monumentos Nacionais e Imóveis de Interesse Público³.

Na verdade, não é fácil encontrar noutras zonas interiores do País, um território com tantos e tão diversos monumentos, ilustrando assim um passado recheado de actividade e azáfama construtiva, só possível graças à fervorosa crença religiosa que caracteriza este povo, a que não é estranha a vetusta existência de Lamego como Sede Episcopal, e à permanência de famílias nobres e aristocráticas que, ao longo dos séculos, aqui mantiveram residência.

Estas duas vertentes explicam, grosso modo, a riqueza patrimonial e artística de base religiosa e a multiplicidade de solares brasonados, bem ilustrativos da presença de uma aristocracia rural que aqui perduraria quase até à actualidade.

Das Igrejas românicas à opulência dos altares e capelas em talha dourada dos séculos XVII e XVIII; dos solares e casas brasonadas às preciosidades artísticas que o Museu de Lamego encerra, expondo colecções de pintura dos séculos XVI a XVIII; de tapeçarias flamengas (séc. XVI); de ourivesaria e paramentaria (séc.s XVI a XX); mobiliário antigo; azulejaria; arqueologia; etc.; vai um percurso aliciante que passa pela visita à Igreja do primeiro Mosteiro Cisterciense erigido em Portugal, como é o caso do Mosteiro de S. João de Tarouca (séc. XII) ou da inconfundível ponte medieval e fortificada da Ucanha.

A Sé de Lamego, verdadeira enciclopédia de estilos, já que nela se reconhecem as diversas fases das reedificações a que foi sujeita, ao longo dos séculos XII a XVIII, é, sem dúvida alguma, outra obra prima a merecer o cuidado de uma demorada visita.

A região do Douro Sul, tão rica em património monumental, não poderia deixar de o ser no campo das realizações artísticas, quer com o objectivo meramente decorativo dos interiores dos edifícios, quer com intenções mais elevadas, sobretudo no campo espiritual, convidando os crentes à reflexão sobre os sugestivos exemplos de vida cristã, bem patentes na imensa iconografia dos santos, ora ainda como objectos de culto, símbolos materiais de rituais litúrgicos que ainda hoje se celebram na maioria das nossas vilas e aldeias.

Na impossibilidade de enumerar todas as jóias artísticas que constituem o património de inestimável valor cultural, existentes na região, pela impressionante quantidade de que a mesma justamente se orgulha de possuir, tentar-se-á a referênciã a algumas delas, sem a preocupação da exaustão ou do rigor qualitativo, que mereceria uma publicação exclusivamente dedicada ao tema.

Para se ter uma ideia da riqueza artística do Douro-Sul, aconselha-se uma visita demorada ao Museu, apreciando as belíssimas colecções de pintura, ourivesaria, paramentaria, talha dourada, cerâmica e arqueologia.

Para quem se demorar um pouco mais, propõe-se uma visita a algumas Igrejas da região, onde poderão apreciar um sem número de obras de arte que certamente compensarão o tempo utilizado na sua observação.

No campo das realizações pictóricas, a proposta é um percurso aliciante, desde os cinco painéis do grande mestre quinhentista Vasco Fernandes, em exposição no Museu de Lamego, até aos magníficos frescos setecentistas, da autoria de Nicolau Nasoni, pintados nas abóbadas das naves central e laterais da Sé de Lamego. Pelo meio, deverão apreciar-se os oito painéis, também do séc. XVI, dos chamados Mestres de Ferreirim (Cristóvão de Figueiredo, Garcia Fernandes e Gregório Lopes), expostos na Igreja do Convento de Santo António de Ferreirim. Representam a Morte da Virgem, Anunciação, Presépio, Cristo Deposto da Cruz, Ressurreição, Coroação da Virgem, Caminho para o Calvário e Calvário.

Na Igreja de S. João de Tarouca, impressiona-nos o imponente S. Pedro e o vigoroso S. Miguel, bem como a extraordinária harmonia do Retábulo de Nossa Senhora da Glória, obras atribuídas ao pintor Gaspar Vaz, ou, na Igreja do Convento de Salzedas, a marca sempre inconfundível de Grão Vasco, nas duas tábuas que lá perduram - S. Sebastião e Santo Antão.

Muito recentemente descobertos na Igreja de Meijinhos, os frescos que provavelmente datarão do séc. XVI, e que se encontram em fase de tratamento pelo Instituto José de Figueiredo, encantam-nos pela singelidade e segurança do artista que, certamente, se terá inspirado nas figuras das tapeçarias flamengas da mesma época, actualmente em exposição permanente no Museu de Lamego.

Ainda deste período, poderemos apreciar os dois primitivos existentes na Igreja Matriz de Sernancelhe (Anunciação e Degolação de S. João Baptista) e as pinturas a fresco do seu interior, bem como três belas tábuas na Igreja de Fonte Arcada (Crucificação, Desposório de S. José e Sacrifício), atribuídas a Jorge Mendes de Fonte Arcada.

Mais recentes ainda (séc. XVIII), e integradas num sumptuoso enquadramento em talha dourada, são os painéis da Igreja do Desterro, cinco pinturas a óleo sobre tela, ao gosto italiano, representando a Anunciação, Adoração dos Reis Magos, Adoração dos Pastores, Apresentação do Menino no Templo e a Fuga para o Egito.

No plano das realizações escultóricas sobressai, pela carinhosa devoção, o culto à Virgem Maria, documentada desde o séc. XIII, com a extraordinária Virgem com o Menino, existente no Museu, até à mais famosa e recente imagem da Virgem existente na região - a Nossa Senhora dos Remédios, obra dos inícios do séc. XX.

Não existe Igreja ou Capela espalhada por toda a região que não possua obra de relevo no campo da escultura sacra, sendo impossível uma descrição pormenorizada. Referiremos, a título de mera curiosidade, tendo em conta as dimensões de cada uma, as Virgens de S. João de Tarouca e de Santa Maria de Cárquere, aquela, um imponente monólito do séc. XVI, escultura policromada representando a Virgem com o Menino, e esta uma pequeníssima escultura da Virgem, em marfim, de 29 mm de altura.

A rica talha dourada dos séculos XVII e XVIII que decoram os interiores da quase totalidade dos templos, ora transformados em aparatosos e deslumbrantes altares, ora convertidos em magníficas molduras retabulares a envolver as respectivas pinturas, é outra das formas artísticas mais expressivas que, no Douro-Sul, nos é dado apreciar. Em conjunto com o azulejo da época, formam esquemas decorativos de suprema harmonia e integram-se perfeitamente no ambiente espiritual, cultural e artístico do barroco que, nesta região, encontra campo profícuo de afirmação.

Expoente máximo do barroco na região, sobranceira à cidade de Lamego, o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios é o exemplo acabado e o símbolo sagrado de uma veneração multissecular à Mãe do Redentor.

Verdadeiras preciosidades escultóricas são também, e sem qualquer espécie de dúvida, alguns Pelourinhos existentes nas Vilas e Aldeias da região.

Verdadeiros símbolos de autonomia municipal, estes Pelourinhos, ou Picotas, como também eram conhecidos, erguiam-se normalmente no largo principal do povoado e serviam como distintivo do poder jurisdicional e administrativo do município, do senhor ou do mosteiro, cabido ou bispado tutelar.

No Douro-Sul abundam os Pelourinhos, executados segundo diversas tipologias, e um pouco ao sabor do gosto de cada executor. Assumindo formas caprichosas, encontramos picotas de tipo "gaiola",

"pinha", "chapa rasa", "tabuleiro de pináculos", com "remate de fantasia", "bola", "mesa", "bloco prismático", etc. etc., muitos deles, dada a sua qualidade artística, classificados como Monumentos Nacionais ou Imóveis de Interesse Público.

A herança ancestral das artes populares

A variadíssima e dispersa produção artesanal, espalhada por todo o território, atesta bem a riqueza e a importância desta actividade económica complementar em muitos agregados familiares do Douro Sul.

O artesanato, que perdeu expressão com a chamada revolução industrial, uma vez que a produção em série, ao substituir e fornecer a maioria dos objectos utilitários do quotidiano, quase aniquilou pequenos núcleos de produção artesanal, misto criativo do objecto funcional e/ou decorativo que saía das mãos experimentadas de verdadeiros mestres locais, começa de novo a ressurgir, ainda que com renovadas ou modificadas funções.

Muitas das artes tradicionais, cujos saberes quase se iam perdendo, encontram agora um novo vigor afirmativo, graças ao interesse e empenho de algumas pessoas e instituições, que muito têm feito para reanimar esta antiquíssima actividade.

Por isso assistimos, um pouco por todo o lado, ao ressurgimento de muitas actividades de carácter artesanal, e um indesmentido interesse por parte das camadas mais jovens em aprender métodos e técnicas ancestrais, por intermédio dos saberes e da arte dos mais velhos.

Hoje em dia, é o próprio turismo e a procura de novas e diferentes formas de comercialização, que fazem renascer o interesse pelo artesanato, fazendo com que esta parcela tão significativa da identidade cultural da região se não perca definitivamente.

Estreitamente ligada aos usos e costumes, sobretudo de trabalho e lazer das populações, o artesanato da região manifesta-se, quase exclusivamente, no objecto primitivamente utilitário e que actualmente se tem vindo a transformar num produto decorativo, por excelência. Entretanto, algumas destas actividades mantêm o seu secular ritmo de produção, não se tendo alterado, em substância, nem a forma, nem tão pouco a função. É possível, ainda hoje, podermos apreciar alguns núcleos artesanais que se mantiveram inalteráveis, porque inalteráveis se mantiveram os interesses económicos que lhes estão subjacentes. Muitos dos produtos de olaria, cestaria, ferraria e tecelagem, para só citar os mais significativos, continuam assim fiéis ao sistema tradicional de produção.

Pela descrição que a seguir se apresenta, fácil é verificar a riqueza do artesanato local, tal é a variedade e quantidade dos núcleos produtores espalhados pela região.

Poderemos quase afirmar que não existe povoação que não possua uma, ou mais, indústrias familiares dedicadas a este tipo de ocupação, limitando-nos agora pela referência dos mais conhecidos e importantes, descritos por concelhos:

Armamar - cestaria de verga (Goujoim e Fontelo); marcenaria; latoaria; tanoaria; entalharia; pirotecnia.

Cinfães - tecelagem; confecção de capuchas; tamancaria; carpintaria; cestaria; chapéus de palha; ferraria; latoaria; funilaria; albardas; correaria.

Lamego - cestaria de verga; entalhada de madeira; ferro forjado; funilaria; pirotecnia; tamancaria; albardura; correaria.

Moimenta da Beira - cestaria (Alvite); meias de lã; tecelagem.

Penedono - tecelagem (colchas); ceiras de junça; cestaria de verga.

Resende - chapéus de palha; olaria de barro negro (Fazamões e S. Pedro de Paus); pentes para tear; peneiras e crivos; cestaria (cestos vindimos e outros); pirotecnia (S. João de Fontoura); capuchas de Feirão e da Panchorra; peças de linho e estopa.

S. João da Pesqueira - funilaria e latoaria (Vilarouco); tecelagem (Pereiros).

Sernancelhe - cestaria; socos e tamancos; carros; sinos; enxadas; albardura; rendas; capuchas; pipas; canecas; tecelagem de colchas.

Tabuaço - cestos e outros objectos em verga; chinelos de corda; miniaturas de barcos rabelos; rendas e bordados.

Tarouca - cestaria (Gouviães, Esporões e Teixelo); socos e tamancos (Gouviães, Granja Nova e Várzea da Serra); carros de bois (Granja Nova); santos (Gouviães); latoaria (Tarouca); meias de lã (Mondim da Beira e Várzea da Serra); sinos (Granja Nova); enxadas (Salzedas); albardas (Granja Nova); rendas (Tarouca e Arguedeira); capuchas (Várzea da Serra); pipas, dornas e canecas (Salzedas e Granja Nova).

Mêda - cestaria; tecelagem; olaria; latoaria; tanoaria.

Figueira de Castelo Rodrigo - atoalhados de linho; mantas e tapetes de lã (Safurdão).

Vila Nova de Foz Côa - funilaria e calçado (Riodades).

Nesta região, em que o passado se mantém tão vivo e tão forte nos usos e costumes do seu povo, as Festas e Romarias são, sem dúvida, momentos altos que continuam a atrair o particular interesse e participação dos seus habitantes.

Ao longo do ano, o calendário desdobra-se em significativas homenagens aos santos padroeiros de cada vila ou aldeia, pretexto também para celebrar a festa profana que, desde sempre, caracterizou a realidade do Douro-Sul.

O profano e o sagrado - festas e romarias

A Festa é o lugar de encontro por excelência. Ali se revêem os velhos amigos e familiares, fazem-se as compras maiores do ano, cumprem-se as promessas da graça concedida, namoram os mais novos e avivam-se as recordações e memórias dos mais idosos.

Entre o sagrado e o profano, a Festa ou Romaria na região é sempre um acontecimento único, pese embora a sua sucessão anual, desde tempos imemoriais, o que lhe dá aquele sentido tão singular e extraordinário, como se antes nunca tivesse existido e dificilmente se poderá repetir, nos anos posteriores, com a magnificência do anterior.

A maior entre as maiores é a Festa em Honra de Nossa Senhora dos Remédios - A Romaria de Portugal - cuja fama secular ultrapassou, de há muito, as fronteiras da região para se afirmar como uma das mais imponentes Romarias que em Portugal se realizam.

Com início na última 5ª Feira do mês de Agosto e fim na segunda 2ª Feira de Setembro, têm estas festas o seu ponto alto nos dias 6, 7 e 8 de Setembro, os dias de Romaria por excelência, atraindo milhares de forasteiros, entre devotos e curiosos, para assistir à Procissão do Triunfo (8 de Setembro), uma das poucas cujos andores continuam a ser puxados por juntas de bois, por especial permissão da Santa Sé (1925).

As Festas da Semana Santa, com a impressionante Procissão nocturna do Senhor Morto, da responsabilidade da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, é outra importante manifestação da religiosidade popular.

As Romarias do Senhor da Aflição, em Cambres, no último Domingo do mês de Julho, de Santa Eufémia, no dia de Todos os Santos (1 de Novembro), de Nossa Senhora da Guia, a 13 de Maio, ou de Santa Maria Maior de Cárquere, são outras tantas festividades de relevo que, com muitas outras, nos dão bem a ideia do fervor religioso e do gosto que as gentes de Lamego têm por estas manifestações públicas, ao mesmo tempo religiosas e profanas, cuja popularidade e participação se mantêm ao longo dos séculos.

Por toda a região constatamos o mesmo fervor e alegria festiva. A título de mera informação, nomearemos as mais importantes das que se realizam em cada um dos concelhos que formam o Douro-Sul:

Armamar - Festa de S. Domingos (5 e 6 de Agosto); Festa da Alegria (6 de Setembro).

Cinfães - Feira de Nespereira; Feira de S. Miguel (28 e 29 de Setembro, em Escamarão); Festa de S. João e a Feira das Portas do Montemuro.

Meda - Festa da Senhora dos Remédios; Festa do Senhor Bom Jesus dos Passos.

Moimenta da Beira - Festas de S. Francisco e de S. João.

Penedono - Feira de S. Pedro (29 de Junho); Romaria de Santa Eufémia (16 de Setembro).

Resende - S. Cristóvão (25 de Julho); Festas da Labareda (23 a 29 de Setembro); Senhora das Preces (Agosto, em Loureiro); S. Salvador (6 de Agosto) e S. Miguel (29 de Setembro).

S. João da Pesqueira - Feira de Nossa Senhora do Monte (Setembro); Festa do Ermo e Festa de Nossa Senhora dos Remédios.

Sernancelhe - Festa dos Santos (Novembro); Romaria de Nossa Senhora da Saúde (1º Domingo de Maio).

Tabuaço - Festas de Stª. Bárbara e Bom Juízo (Agosto); Nossa Senhora da Saúde (Julho) e de Santa Luzia (Dezembro).

Tarouca - Festas de S. Miguel (25 de Setembro); S. Pedro (25 de Junho) e do Espírito Santo.

Os vinhos do Douro

Mas é o vinho, seguramente, que leva a fama desta região para além das fronteiras nacionais.

Desde logo, os primitivamente conhecidos como "vinhos cheirantes de Lamego" e cuja fama se firmou no séc. XVI, já então considerados como "os mais excelentes e de mais dura que no Regno se podem achar, e mais cheirantes".

Terá sido através de um mercador inglês que o depois denominado vinho do Porto passou a ser conhecido e comercializado em Inglaterra. Este mercador, sediado em Viana do Castelo, viajou, a determinada altura, por terras do Douro, tendo ficado hospedado no Convento de Santa Cruz, em Lamego. Ali foi obsequiado pelos monges, que no final de um magnífico repasto, foi brindado com um saboroso vinho de sobremesa "entre ambarado e fogo, que a Ordem colhia num seu couto ou quinta ribeirinha do Douro". Este inglês, "estarcido" com tal bebida, pois nunca tinha provado coisa melhor na vida, depressa tornou a Lamego para "comprar alguns almudes do precioso néctar". Assim se terá começado a conhecer o vinho generoso de Lamego que, pelo rio Douro abaixo, era desembarcado em Vila Nova de Gaia, para, depois de devidamente tratado, ser exportado para o estrangeiro. Daqui também o nome porque ficou, durante algum tempo, conhecido - Vinho de embarque - cuja verdadeira expansão se inicia, em grande escala, na segunda metade do séc. XVII.

É já no século XVIII, com o Tratado de Methwen, celebrado entre Portugal e Inglaterra, através do qual este país dá condições aduaneiras favoráveis à entrada dos vinhos nacionais, que o vinho do Porto passa a afirmar-se como produto de qualidade internacional, aumentando permanentemente o número de apreciadores e consumidores, não só em Inglaterra, que até 1963 foi o primeiro importador desta bebida de excepção, como em França, que ocupa presentemente esse lugar e, progressivamente, em muitos países do Mundo onde a fama deste vinho conseguiu chegar.

Mas não é só no vinho generoso que a região assenta os seus créditos produtores. Na verdade, os vulgarmente designados "vinhos de mesa" ou de consumo corrente, são também muito conhecidos e apreciados, como os vinhos das Regiões Demarcadas do Varosa e das Encostas da Nave, cujas empresas engarrafadoras, as Cooperativas Agrícolas do Vale do Varosa e do Távora, ou ainda os produtores particulares, muito se têm empenhado no sentido de manter e melhorar a qualidade destes excepcionais vinhos.

Neste mesmo sentido laboram as conhecidas Adegas Cooperativas de Lamego e Penajóia, colocando no mercado vinhos de mesa de qualidade, da Região Demarcada do Douro, complementando assim a oferta dos vinhos maduros da região.

A completar toda esta oferta, não podemos deixar de referenciar os vinhos verdes da zona de Cinfães, que contam com muitos apreciadores nacionais e estrangeiros. São vinhos bastante diferentes dos anteriores, muito procurados e consumidos no estio, dado serem excelentes acompanhantes de qualquer refeição ou petisco, devendo ser servidos a uma temperatura bastante fresca.

Esta região sobressai ainda pela fama dos seus vinhos espumantes naturais, nomeadamente das Caves da Raposeira, em Lamego, e da Murganheira, em Tarouca, duas das Caves mais famosas do país.

Constitui uma aliciante experiência a visita a estas caves, onde se pode apreciar todo o processo evolutivo da preparação deste tipo de vinho, até chegar ao consumidor.

Como se pode verificar, a diversidade e qualidade da produção vitivinícola da região, traduz-se numa multiplicidade de produtos, todos eles de alta qualidade, capazes de satisfazer os mais exigentes enófilos.

À laia de roteiro gastronómico

O roteiro gastronómico da região do Douro-Sul está recheado de iguarias cujos segredos de confecção se perdem nos memoráveis tempos dos nossos avós, em receitas saborosíssimas de culinária, raras vezes passadas a papel, porque transmitidas das bocas das mais exímias cozinheiras aos ouvidos das aprendizes, em muitas e diversas ocasiões de festa, que sempre serviram de pretexto para a apresentação dos deliciosos pratos regionais.

O Douro-Sul é rico na sua imensa variedade e qualidade gastronómica e os típicos pratos e doçaria regionais são justamente afamados pelo facto de nada ser deixado ao acaso, desde o cuidado posto na preparação e tempero dos mesmos, à esmerada apresentação com que são servidos, nunca perdendo aquele toque de rusticidade e autenticidade primitivas.

Do cabrito assado no forno acompanhado com arroz e batatas à mesma maneira, provavelmente o prato mais conhecido de todos, até à truta frita ou recheada com presunto da região, vai uma enorme panóplia de pratos capazes de agussarem o apetite dos mais exigentes apreciadores. O caldo verde com a tora de salpicão ou presunto, a enguia ou sável de escabeche, a perdiz assada no espeto, o saboroso coelho à caçador, o prato de presunto com ervilhas ou grão de bico, a orelheira e unha de porco com feijão branco, as diversas espécies de carne de porco fumadas e o conhecido cozido à portuguesa, são alguns dos mais importantes pratos da cozinha regional que, um pouco por todo o lado, se confecciona e consome.

A doçaria típica, muita dela herança de um saber conventual, também marca aqui uma presença de exceção, pelos saborosos e únicos paladares que se conseguem confeccionar, deliciando qualquer pessoa que sofra da fraqueza da gulodice. De entre as receitas conventuais, são famosas as que se atribuem ao extinto Convento das Chagas, em Lamego, como os peixinhos de chila, as gradinhas, o biscoito rijo, os sequinhos, as celestes, os bolinhos de amor, os fálgaros, as morcelas das Chagas, os doces de pera e de uva e o celebérrimo biscoito da teixeira, ainda hoje consumido em larga escala nos períodos de festa.

Por toda a região, os doces são uma constante da cozinha sul duriense, não havendo refeição digna de tal nome se não for complementada com uma sobremesa tipicamente adequada ao gosto da terra. Das falachas de Armamar ao pão de ló, ou ainda aos doces de manteiga, sopa seca, formigos, bolinhos de centeio, falachas de farinha de castanha pilada, de Cinfães; dos filhós de joelho e papas doces ou milhos da Meda, até às cavacas de Moimenta da Beira e, muito especialmente, às de Resende (fatia ou oca), com variedades locais do mesmo tipo de doçarias, como em Tarouca, Tabuaço ou Penedono, não encontramos local onde a doçaria não marque uma presença assinalável nos hábitos gastronómicos dos seus habitantes.

Descrição sumária dos concelhos suldurienses 4

LAMEGO

O Concelho de Lamego está situado no norte do Distrito de Viseu, ocupando uma área geográfica de 164 Km² e está dividido, administrativamente, em 24 freguesias, sendo duas delas (Almacave e Sé) urbanas, e as restantes rurais (Avões, Bigorne, Britiande, Cambres, Cepões, Ferreirim, Ferreiros, Figueira, Lalim, Lazarim, Magueija, Meijinhos, Melcões, Parada do Bispo, Penajóia, Penude, Pretarouca, Samodães, Sande, Valdigem, Várzea de Abrunhais e Vila Nova de Souto D'El Rei).

Com uma população que ronda os 29.000 habitantes e uma densidade populacional de 179 habitantes por Km², este Concelho é, verdadeiramente, o coração do Douro-Sul.

A cidade de Lamego, sede do Concelho, é também a sede da Diocese do mesmo nome, sendo a única que não faz coincidir as suas fronteiras com a divisão distrital.

Cidade histórica, as suas origens permanecem por desvendar, uma vez que o seu antiquíssimo passado não permite asseverar, com segurança, a época da sua fundação.

Se os testemunhos arqueológicos, encontrados nos seus arredores, nos levam a poder afirmar a presença de povos pré-históricos na região, mais difícil se torna, a partir deles, esboçar uma data, por mais lata que seja, que indique o aparecimento de um núcleo urbano inequivocamente ligado à formação de Lamego.

Na verdade, a orografia do terreno revela um território mais propício à existência de edificações castrejas, como o levantamento arqueológico da região o comprova, que ao surgimento de uma grande urbe pré-histórica, que nunca deve ter acontecido, pese embora alguns historiadores mais antigos, baseados em referências de Estrabão e Ptolomeu, terem pretendido descrever Lamego como uma das mais antigas e importantes cidades de Espanha, fundada pelos lacedemónios, gregos ou lacões, entre os séculos 1200 a 500 antes de Cristo.

É, portanto, do período da ocupação romana, que podemos assegurar a existência de Lamego, elevada à categoria de Civitas nos finais do séc. IV.

A sua localização estratégica permitirá a Lamego a assunção de um protagonismo relevante em todo o processo histórico, quer do ponto de vista militar, ainda hoje testemunhado pela presença do seu castelo, quer do ponto de vista económico e social, porquanto se situava na encruzilhada de caminhos que marcavam as antigas rotas comerciais, quer ainda na perspectiva religiosa, uma vez que sabemos da existência da Diocese de Lamego pelo menos, desde 572, pela subscrição das Actas do 2º Concílio de Braga por Sardinário, que então assinou na qualidade prelatícia de Bispo de Lamego.

A importância desta cidade ao longo dos tempos é testemunhada por diversos eventos, dos quais destacaremos os mais significativos, como o facto de Sisebuto, rei visigodo de Espanha (612), ter cunhado moeda em Lamego. Com a ocupação árabe e o processo de reconquista, Lamego sofreu, como outras importantes urbes, as vicissitudes inerentes aos períodos de guerra alternados com momentos de paz, e cujo término somente se veio a verificar com a reconquista definitiva por Fernando Magno, no ano de 1057.

Nos alvares da nacionalidade, temos notícia de ser o território de Riba Douro tenência de D. Egas Moniz, aio do primeiro Rei de Portugal, tendo Lamego ficado indissolúvelmente ligada à fundação de Portugal e

não constituindo surpresa a eleição desta cidade histórica como palco da realização das lendárias primeiras cortes nacionais.

Desse período longínquo restam-nos inúmeros testemunhos, desde o Castelo à Igreja de Santa Maria Maior de Almacave, passando pela Sé de Lamego, pese embora as múltiplas alterações sofridas nos séculos posteriores.

Todo o Concelho de Lamego é rico em património edificado, denotando um passado não só profundamente marcado pela Igreja, como também pela aristocracia que aqui tinha solar de família.

O séc. XVI ficou marcado pelo extraordinário bispo empreendedor D. Manuel de Noronha que deixou diversas obras espalhadas pela cidade, para além das belíssimas obras de arte que adquiriu para o seu Paço (contando-se entre elas as magníficas tapeçarias flamengas hoje expostas no Museu de Lamego), passando, com o período felipino, uma época de recessão que só seria contrariada com a restauração.

Os séculos XVII e XVIII marcam o ressurgimento da cidade, sendo notória a azáfama construtiva que neste período se fez sentir, com particular realce para as casas brasonadas e o Santuário de N^a. Sr^a. dos Remédios.

O séc. XIX pode ser considerado relativamente fraco em iniciativas de eleição, exceptuando o final do século que, mercê do empenho e esforço do Visconde Guedes Teixeira, leva à abertura ou alargamento das ruas da cidade, espelhando a preocupação de tornar a capital da região numa cidade mais ampla e moderna, segundo os padrões da época. É nesta altura porém que Lamego vê o seu protagonismo fugir definitivamente para Viseu, perdendo a liderança distrital, sonho que iria acalentar por muitos anos ainda.

Nos princípios do séc. XX, a cidade iria retomar o seu processo evolutivo, mercê do trabalho do Dr. Alfredo de Sousa, que na presidência da edilidade lamecense se assumiu como o grande renovador da cidade com as iniciativas de obras públicas que ainda hoje servem a comunidade lamecense.

Ponto alto no calendário festivo do concelho é a festa em honra de Nossa Senhora dos Remédios, que se realiza durante toda a primeira quinzena de Setembro, com especial apoteose nos dias 6, 7 e 8 desse mês, justamente celebrada como a Romaria de Portugal, cuja fama e tradição ultrapassam as fronteiras da própria região para se afirmar como uma das mais importantes romarias que em Portugal se realizam.

ARMAMAR

O Concelho de Armamar compreende 17 freguesias - Ariceira, Armamar, Cimbres, Coura, Folgosa, Fontelo, Goujoim, Queimada, Queimadela, Santa Cruz de Lumiares, Santo Adrião, S. Cosmado, S. Martinho das Chãs, S. Romão, Santiago, Tões e Vila Seca.

Com uma população de cerca de 10.000 habitantes, ocupa uma área total de 115,4 Km².

A sua sede de Concelho, a Vila de Armamar, encontra-se situada a cerca de 525 m de altitude, na encosta de um monte, e remonta ao período proto-medieval, aquando da tomada da região por Afonso III das Astúrias, em 877, devendo o seu nome advir de algum fundador ou repovoador godo que acompanhou aquele rei nas suas campanhas bélicas. Posteriormente, encontramos a designação Ermomar em algumas doações dos séculos XII e XIII. Nesta época era a Vila defendida por um castelo, de que não restam vestígios.

Digna de referência é a Igreja Matriz, em estilo românico, mandada edificar, segundo a tradição que ainda se mantém, por D. Egas Moniz, não existindo, contudo, documentação a comprovar tal tese.

D. Manuel I concedeu à Vila foral novo, em 1514.

Possui inúmeros atractivos turísticos, salientando a belíssima paisagem que se disfruta do monte de S. Domingos de Fontelo e as feiras e romarias que têm lugar no Concelho - a Feira da Consoada; a Festa do Corpo de Deus; a Festa de S. Domingos de Fontelo em 5/6 de Agosto e a Festa da Alegria a 6 de Setembro.

Na Ribeira de Goujoim existe a nascente de águas minerais sulfatadas sódicas do Tedo.

CINFÃES

O Concelho de Cinfães é composto por 17 freguesias: Alhões, Bustelo, Cinfães, Espadanedo, Ferreiros de Tendais, Fornelos, Gralheira, Moimenta, Nespereira, Oliveira do Douro, Ramires, Santiago de Piães, S. Cristóvão de Nogueira, Souselo, Tarouquela, Tendais e Travanca. Cobre uma área de 238,76 Km² que ronda os 25.000 habitantes.

O Concelho, que vai desde a serra do Montemuro até às margens do rio Douro, conserva nítidos sinais de povoamento pré-histórico, admitindo-se que lugares como Contensa, Travassos, Magarelhos, Pedra Escrita e outros nos remeta para inscrições rupestres do período da pedra polida e dos metais. Nomes ainda como Vilas, Cidadelhe e Lagarelhos indiciam o período da ocupação romana e levam, no seu conjunto, a admitir o povoamento da região desde os tempos mais remotos.

Data de 1109 uma escritura lavrada em Cinfães, significando assim a existência de organização senhorial. Segundo reza a tradição, teria sido em Cinfães, mais concretamente em Cresconha, que D. Egas Moniz criou D. Afonso Henriques, após o célebre milagre de Cárquere.

As terras de Cinfães foram Reguengas, transitando, por mercê real, para Luís Álvares de Sousa e D. João III doou-as a D. Diogo de Castro, em 1483.

D. Manuel I outorgou foral a Cinfães.

Num recanto do Jardim Público da Vila de Cinfães, um modesto monumento homenageia o célebre explorador Serpa Pinto.

Como pólos de interesse turístico devem-se salientar a Igreja de Santa Maria Maior, as Ruínas das Portas de Montemuro e a Igreja Matriz de Escamarão, monumentos nacionais de visita obrigatória. Outros locais de indesmentido interesse são os sítios do Ladário e do Calvário, pelas magníficas vistas que dali se podem apreciar, o Penedo da Chieira ou o interessante passeio até à Barragem do Carrapatelo.

Como em toda a região, também o Concelho de Cinfães organiza feiras e celebra romarias de nomeada como a Feira Malhada, em Tendais, no 2º Domingo de Junho; a Feira de Nespereira, a 6 de agosto; a Feira de S. Miguel, e, Escamarão, em 28 e 29 de Setembro; a Feira das Portas do Montemuro no 3º Domingo de Agosto e as Festas de S. João, na sede do Concelho.

MÊDA

O Concelho da Mêda é formado por 16 freguesias - Aveloso, Barreira, Carvalhal, Casteição, Coriscada, Fonte Longa, Longroiva, Marialva, Meda, Outeiro de Gatos, Pai Penela, Poço do Canto, Prova, Rabaçal, Ranhados e Valflor.

Possui uma área de 292,2 Km² e uma população que ronda os 9.000 habitantes.

O topónimo deve radicar-se no povo Medobricense cujo castro estaria situado no morro rochoso que ainda hoje se designa por castelo.

Em todo o território existem vestígios da civilização castrense, atestada pelo sem número de fortificações castrejas, como as de S. Jurjo e do Castelo, em Ranhados, da Tapada de Longroiva, dos Arávos em Marialva, de Santa Bárbara em Coriscada, do Monte do Castelo em Casteição, de Pai Penela, do importante núcleo do Castelo Velho do Vale da Manta, de Santa Colomba, para só referir alguns.

Da ocupação romana também nos chegaram testemunhos que comprovam a ligação de Roma com a Civitas Aravorum (Marialva), sobretudo no tempo dos Césares Trajano e Hadriano.

A terra da Mêda, nos alvares da nacionalidade, não seria das mais importantes da região. A presença cristã resumia-se a um humilde cenóbio beneditino que, em 1145, transitará para a Ordem dos Templários e, mais tarde, para a Ordem de Cristo.

O povoamento da Mêda só se começa a desenvolver verdadeiramente depois do séc. XV, tendo sido, até então, muito escasso.

Do ponto de vista patrimonial, sobressaem na região os castelos de Marialva e Longroiva, aquele com as suas quatro torres e outras tantas portas e as ruínas intramuros do Paço, Alcáçova, Casa da Câmara, Cadeia e Tribunal e este com traçado nitidamente medieval e pertencente à Ordem do Templo, reedificado por Gualdim Pais em 1176.

Destaque ainda para uma casa com elementos dos sécs. XV e XVI na sede de freguesia de Prova e a Capela de N^a. Sr^a. do Torrão.

MOIMENTA DA BEIRA

O Concelho de Moimenta da Beira é constituído por 20 freguesias - Aldeia de Nacomba, Alvite, Arcozelo, Ariz, Baldos, Cabaços, Caria, Castelo, Leomil, Moimenta da Beira, Nagosa, Paradinha, Paçô, Pera Velha, Pêva, Rua, Sarzedo, Segões, Sever e Vilar.

Ocupando uma área de 230,2 Km² e uma população na ordem dos 12.000 habitantes, Moimenta da Beira é, como o próprio nome indicia, terra de remota existência.

Na verdade, Moimenta é um topónimo cuja significação se liga a uma edificação funerária, provavelmente uma necrópole dos povos pré-históricos, protegidos em fortificações castrejas, como o comprovam os vestígios espalhados por toda a região.

A presença romana também aqui deixou alguns vestígios, sobretudo pelo grande número de moedas achadas em diversos lugares e alguns alicerces de muros de casas, no sítio de S. João.

Dos povos germânicos, alguns topónimos como Leomil, Baldos, Ariz, etc., parecem atestar a sua presença, sendo provável que, no período conturbado da conquista árabe e posterior processo de reconquista cristã, estas terras tenham sofrido grandes destruições.

A repovoação terá sido iniciada pelo Conde D. Henrique, sob o sistema de honramento, e a própria Vila de Moimenta da Beira ter-se-á formado por iniciativa de D. Egas Moniz, que aí terá edificado uma moradia, à roda da qual se constituiu a vila rural.

Nos finais do séc. XVI, com a fundação do novo Convento Beneditino, a Vila tornou-se mais conhecida e ganhou merecida fama.

Dos locais com interesse turístico, destacamos o Mosteiro de Nossa Senhora da Purificação e a Barragem do Vilar.

PENEDONO

O Concelho de Penedono, abrangendo 9 freguesias - Antas, Beselga, Castainço, Granja, Ourosinho, Penedono, Penela da Beira, Póvoa de Penela e Souto, tem uma área de 127,4 Km² e mais de 4.000 habitantes.

Rico em património arqueológico, onde sobressaem as duas importantes necrópoles dolménicas de Lameira de Cima, em Antas de Penedono, e a da Senhora do Monte, em Penela da Beira e Castainço, este concelho evidencia-se ainda pelo imponente castelo, cuja edificação primitiva data do séc. X, em virtude de se conhecer um documento de D. Flâmula Rodrigues, de 960, que a ele se refere.

Este castelo altaneiro, encontra-se assente numa saliência rochosa a 930 metros de altitude e, como o seu próprio topónimo indica, trata-se de um castelo roqueiro de um Dono, que domina uma vasta região planáltica de características muito vincadas.

Relacionado com o castelo está também o célebre "Magriço", um dos doze de Inglaterra, cantado por Camões, e que terá nascido em Penedono.

Por seu turno, Penela da Beira obteve o foral mais antigo que se conhece para terras portuguesas, dado obter carta de povoamento do rei D. Fernando I, logo após a sua reconquista.

D. Sancho I concede foral a Penedono em 1195, confirmado por D. Afonso II, em 1217, e obtendo foral novo com D. Manuel I, em 1512.

Muito famosas foram as minas de volfrâmio, situadas em Póvoa de Penela, e as minas de ouro, na Granja, tendo a sua exploração dinamizado bastante a actividade económica do concelho enquanto estiveram em utilização.

RESENDE

O Concelho de Resende é composto por 14 freguesias - Anreade, Barrô, Cárquere, Feirão, Felgueiras, Freigil, Miomães, Ovadas, Panchorra, Paus, Resende, S. Cipriano, S. João de Fontoura, S. Martinho de Mouros e S. Romão de Aregos.

Possui uma área de 119,4 Km² e uma população superior a 15.000 habitantes.

Todo o Concelho é um manancial histórico e patrimonial, ainda hoje evidente pelos testemunhos arquitectónicos e artísticos que possui.

Segundo a tradição, o topónimo Resende deriva do nome de um cavaleiro cristão, Rausendo, que a conquistou e povoou em 1030.

O povoamento desta terra vem, pelo menos, do período da ocupação romana, e o seu nome teria surgido, na verdade, a partir de algum dos possesores das "villae" romanas.

Ainda segundo a tradição, D. Afonso Henriques teria permanecido na então denominada Quinta de Resende, e não podemos deixar em claro a célebre lenda do "Milagre de Cárquere", segundo a qual aqui teria ficado perfeitamente saudável e recuperado de uma deficiência de nascença o nosso primeiro rei na zelosa companhia de seu aio, D. Egas Moniz.

Ligado indissolúvelmente aos primórdios da nacionalidade portuguesa e à gesta da reconquista cristã, Resende orgulha-se de possuir um património edificado de excepcional valia, destacando a singular

Igreja de S. Martinho de Mouros, a Igreja de Barrô ou o Mosteiro de Santa Maria de Cárquere, para só citar os mais conhecidos.

Temos ainda notícia que um tal Vasco Martins, possuidor do couto de Resende, respondeu ao chamamento geral pronunciado por Afonso IV e sabemos que D. Fernando outorgou, em 1374, ao fidalgo João Rodrigues Portocarreira o senhorio de Resende.

D. Manuel concede foral a Resende em 1514, não o possuindo antes devido ao facto de ser senhorio particular.

Famosa também pelos aprazíveis lugares de lazer, o Concelho de Resende possui inúmeros locais de interesse turístico, como as termas de Caldas de Aregos, cujas águas mineromedicinais se diz curarem todas as espécies de reumatismo, ou ainda o Penedo de S. João e o Monte de S. Cristóvão.

Detentora de ricas tradições no artesanato, conforme se refere em capítulo próprio, Resende distingue-se ainda pela magnífica paisagem que as cerejeiras em flor proporcionam e pelas feiras cuja tradição se perde no tempo, como a de Santa Maria Maior de Cárquere.

S. JOÃO DA PESQUEIRA

O Concelho de S. João da Pesqueira é constituído por 14 freguesias - Castanheira do Sul, Ervedosa do Douro, Espinhosa, Nagoselo do Douro, Paredes da Beira, Pereiros, Riodades, S. João da Pesqueira, Soutelo do Douro, Trevões, Vale de Figueira, Valongo dos Azeites, Várzea de Trevões e Vilarouco.

Abrange uma área de 269,9 Km² e tem uma população de cerca de 10.000 habitantes.

Do seu passado longínquo restam alguns vestígios de fortificações castrejas, como é o caso do cabeço de Granejo, em Ervedosa, ou no picoto de Soutelo, mas é, sem dúvida, do tempo da reconquista que mais memórias se podem encontrar a atestar a importância desta terra.

A Vila recebeu 5 forais, o primeiro de D. Fernando de Castela e Leão, e o seu apelido advém, provavelmente, da abundante e variada qualidade de espécies piscícolas que se podiam pescar no bem próximo Cachão da Valeira, uma vez que o rio apresentava aí uma queda de cerca de sete metros, impossibilitando a sua transposição pelos peixes que se deslocavam de jusante para montante, acumulando-se no local enormes cardumes de sáveis, lampreias, barbos, solhas e bogas. A demolição da

cachoeira foi obra difícilíssima e demorada, uma vez que decorreu de 1780 a 1792. No entanto, mantém a grandiosidade de uma paisagem verdadeiramente espectacular, a merecer um passeio demorado.

Merecem também uma atenta visita a Igreja Matriz de St^a. Marinha de Trevões, o Pelourinho de Soutelo do Douro, o Solar da Família Caiado Ferrão, em Trevões, a Igreja Matriz de S. João da Pesqueira, a Praça da República, com o seu conjunto arquitectónico do séc. XVIII, e os miradouros excepcionais do Monte da Frágua e de S. Salvador do Mundo.

SERNANCELHE

O Concelho de Sernancelhe é constituído por 18 freguesias - Arnas, Carregal, Chosendo, Cunha, Escurquela, Faia, Ferreirim, Fonte, Arcada, Freixinho, Granjal, Lamosa, Macieira, Penso, Quintela, Sarzeda, Sernancelhe e Vila da Ponte - com uma área de 222,2 Km² e cerca de 7.000 habitantes.

Toda esta região foi povoda por povos pré-históricos, sendo de aceitar que o aglomerado castrejo tenha dado o nome ao lugar do Monte do Castelo, posteriormente romanizado. O Concelho era atravessado pela via romana que ligava Lamego a Almeida, restando alguns vestígios de troços desta importante via de comunicação da época.

As ruínas do Castelo e alguns panos de muralha, com a sua Porta do Sol, atestam a importância estratégica deste povoado, no período da reconquista cristã.

Com efeito, Sernancelhe floresceu rapidamente, possuindo foral dos mais antigos e importantes, outorgado pelos fidalgos Egas Gosendes e João Viegas, em 1124. Este foral teve confirmação real em 1220 e foi reformado por D. Afonso III, em 1269.

A sua Igreja Matriz é um magnífico exemplar da arquitectura românica, sobressaindo, na fachada, dois nichos laterais, cada qual albergando três preciosas e admiráveis esculturas medievais.

Merecem também especial destaque a Capela de Nossa. Senhora da Lapa, o Convento de S. Bernardo em Tabosa do Carregal, a Igreja Matriz de Ferreirim, a Igreja de Fonte Arcada e os interessantes Pelourinhos da Lapa, Sernancelhe e Vila da Ponte.

Outras edificações sobressaem no conjunto arquitectónico da região, como o Solar dos Carvalhos e a Casa da Comenda de Malta.

Terra de grandes tradições comerciais, ainda hoje se anima com a Feira dos Santos, no 1º Domingo de Novembro e as Romarias de Nossa Senhora da Saúde, em Fonte Arcada, no 1º Domingo de Maio e de Nossa Senhora da Lapa, em Quintela, a 15 de Agosto.

TABUAÇO

O Concelho de Tabuaço é formado por 17 freguesias - Adorigo, Arcos, Barcos, Chavães, Desejosa, Granja do Tedo, Granjinha, Longa, Paradela, Pereiro, Pinheiros, Santa Leocádia, Sendim, Tabuaço, Távora, Vale de Figueira e Valença do Douro.

Possui uma população de cerca de 8.000 habitantes que se distribuem por uma área de 142 Km².

Tabuaço é um antropónimo de origem pré-histórica, sendo provável que, no local onde hoje se ergue a vila, tivesse existido um povoado de origem castreja.

Em toda a região abundam os vestígios de fortificações pré-históricas, como os castros da Longra, Cabril e Sabrosa, a atestar a presença humana desde os tempos mais remotos.

Diversos achados arqueológicos confirmam ainda a presença romana mas, como acontece um pouco por toda a região, é nos períodos da reconquista cristã e formação da nacionalidade que os testemunhos históricos se tornam mais fortes e visíveis.

Durante a era afonsina, o território de Tabuaço fazia parte do couto de Leomil e segundo o cadastro da população do reino, de 1527, o actual concelho de Tabuaço estava dividido em onze pequenos concelhos que acabaram por ser extintos.

Não faltam, contudo, testemunhos medievais a comprovar a importância deste território, como é o caso das Igrejas de Barcos e de S. Pedro das Águias.

Somente no séc. XIX, com o liberalismo vitorioso, Tabuaço se transformou em centro administrativo que lhe garantiu a força e o protagonismo inerente à sede de Concelho que lhe foi atribuída.

As festas de S. João, em Junho, de Nossa Senhora da Saúde, em Julho, de Santa Bárbara, em Agosto e de Santa Luzia, em Dezembro, contam-se entre as mais importantes que neste Concelho se realizam ao longo do ano.

TAROUCA

O Concelho de Tarouca é formado por 10 freguesias - Dalvares, Gouviães, Granja Nova, Mondim da Beira, Salzedas, S. João de Tarouca, Tarouca, Ucanha, Várzea da Serra e Vila Chã de Cangueiros - e ocupa uma área de 97,4 Km², com uma população que ronda os 9.000 habitantes.

A primitiva Tarouca estaria situada no outeiro do Castelo, também designado por Castro Rei, em homenagem a D. Fernando Magno que, nos preparativos da tomada de Lamego aos mouros, a terá destruído. Este castro, em conjunto com outros núcleos existentes nas cercanias (Picoto da Maia e Sanfins), comprovam a presença de povos pré-históricos na região.

A actual Tarouca deve considerar-se já como um produto da preocupação de repovoamento do território, efectuado por Afonso III das Astúrias, do séc. IX para o séc. X.

Sabemos ainda que, nos princípios do séc. XII, era D. Egas Moniz tenente destas terras, bem como seus descendentes, aos quais estão ligadas muitas das importantes edificações existentes na região. O Convento de Salzedas terá sido fundado no séc. XII sob protecção de Teresa Afonso, viúva daquele fidalgo e aia dos cinco filhos de D. Afonso Henriques.

Sobre o primeiro Rei de Portugal, atribui-se-lhe a fundação do Mosteiro de S. João de Tarouca, o primeiro mosteiro de Cister edificado em Portugal.

A Ponte fortificada da Ucanha é outra impressionante jóia monumental, única edificação no género existente no País.

Terra de importante valor patrimonial pelos testemunhos arquitectónicos e artísticos que possui e ainda hoje se podem observar, e que nos convida a uma verdadeira viagem através dos séculos, Tarouca é também conhecida pelo espumante natural produzido na Murganheira, pela excelente gastronomia local e pela belíssima paisagem que a caracteriza quando apreciada do cimo do Monte de Santa Helena.

Imagens

Fig. 1 - [S. Pedro Balsemão](#)

Fig. 2 - [Douro](#)

Fig. 3 - [Senhora dos Remédios - Lamego](#)

Fig. 4 - [Artesanato](#)

Fig. 5 - [Vinha](#)

Fig. 6 - [Gastronomia](#)

Fig. 7 - [Castelo de Penedono](#)

Fig. 8 - [S.M. Mouros-Resende](#)

Fig. 9 - [S.P. Águias-Tabuaço](#)

Sugestões bibliográficas

- AMARAL, João - Roteiro Ilustrado da Cidade de Lamego, Lamego, 1961.
- BARRETO, António - Douro, Edições Inapa, S.A., 1993.
- Catálogo da exposição "Grão Vasco e a Pintura Europeia do Renascimento", Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992.
- CHOAY, Françoise - L'Allégorie du Patrimoine, Seuil, 1992.
- Cister no Vale do Douro, Edições Afrontamento, GEHVID, Santa Maria da Feira, 1999.
- COIXÃO, António N. S.; TRABULO, A. Alberto R. - Por Terras do Concelho de Foz Côa, 1995.
- CORREIA, Alberto - Sernancelhe, Roteiro Turístico, ed. C. M. Sernancelhe, 1992.
- CORREIA, Vergílio - Monumentos e Esculturas, Lisboa, 1924.
- COSTA, M. Gonçalves da - História do Bispado e Cidade de Lamego, Lamego, Vols. I (1977), II, (1979) III (1982), IV (1984), V (1986) e VI (1992).
- DIAS, Augusto - Lamego no séc. XVI, Lamego, Beira-Douro, 1947.
- Douro, Rotas Medievais, ACIL/VDS, 2000.
- DUARTE, Joaquim Correia - Resende e a sua História (Vols. I e II), ed. C. M. Resende, 1996.
- FERNANDES, A. de Almeida - Tarouca na História de Portugal, Viseu, 1990.
- FERNANDES, Rui - "Descrição do terreno em roda da cidade de Lamego [1531-1532]", in "Coleção de Inéditos da História Portuguesa, Lisboa, Academia das Ciências", 1926.

- FILIPE, António e outros - O Vinho do Porto e os Vinhos do Douro, in "Enciclopédia dos Vinhos de Portugal", Chaves Ferreira - Publicações, S.A.1998.
- GUIA, A. Bento da - Os oito concelhos de Moimenta da Beira, ed. C. M. Moimenta da Beira,1996.
- LARANJO, F. J. Cordeiro - Colecção Cidade de Lamego, (nºs. 1 a 7), 1987/1993.
- MARTINS, Conceição Andrade - Memória do Vinho do Porto, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, 1990.
- MATTOSO José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte - Portugal - O Sabor da Terra, DOURO, Circulo de Leitores, 1997.
- MONTEIRO, J. Gonçalves - Armamar, Terra e Gente, ed. C. M. Armamar, 1999.
- MONTEIRO, J. Gonçalves - S. João da Pesqueira, coração do Douro, ed. C. M. S. João da Pesqueira,1992.
- MONTEIRO, J. Gonçalves - Subsídios para a monografia do Concelho de Armamar, ed. C. M. Armamar, Viseu, 1984.
- MONTEIRO, J. Gonçalves - Tabuaço, ed. C. M. Tabuaço, 1991.
- MONTEIRO, Manuel - O Douro, Edições Livro Branco, Porto, 1998. Fac-Simile da Edição de 1911.
- MONTEREY, Guido de - Lamego, Terras ao Léu, Edição do autor, Porto, 1984.
- MOREIRA, Vasco - Monografia do Concelho de Tarouca, Viseu, 1924.
- PEIXOTO, Marco Aurélio - The Magnificent Douro, Casa do Douro, 1990.
- RIBEIRO, Agostinho (Coord.) - Roteiro do Museu de Lamego, IPM, 1998.
- RODRIGUES, Adriano Vasco - Terras da Mêda, natureza e cultura, ed. C. M. Mêda, 1983.
- ROSEIRA, Maria J. Queiroz - Lamego, um passado presente, Chorographia, Centro de Estudos Universitários da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1981.
- VASCONCELLOS, J. Leite de - Memórias de Mondim da Beira, Imprensa Nacional, Lisboa, 1933.

Notas:

1 Ferreira de Almeida, no entanto, não recua a primitiva edificação do templo para além do séc. X. A este propósito vide ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - "Arte da Alta Idade Média", in História da Arte em Portugal, Vol. 2, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pgs. 133 e sgs. (Não partilhamos esta tese. Sem prejuízo da razoabilidade dos fundamentos apresentados a favor da semelhança com a igreja de Lourosa

da Serra, os argumentos invocados não se nos afiguram suficientes para destruir a hipótese de se tratar de um monumento de origem visigótica).

2 A primeira referência à excelência destes vinhos está expressa na obra de Rui Fernandes - "Descrição do terreno em roda da cidade de Lamego[1531-1532]", in Coleção de Inéditos da História Portuguesa, Lisboa, Academia das Ciências, 1926, pp. 21-23.

3 Catálogo dos Imóveis Classificados, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1975. Para os 11 concelhos referidos, estão classificados 19 Monumentos Nacionais e 63 Imóveis de Interesse Público.

4 As referências históricas foram elaboradas a partir da monumental obra História do Bispado e Cidade de Lamego, de M. Gonçalves da Costa, Lamego, Vols. I (1977), II, (1979) III (1982), IV (1984), V (1986) e VI (1992).